



HISTÓRIAS DO RÁDIO: MEMÓRIAS RADIOFÔNICAS DE IDOSOS NUMA PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA

Michel Carvalho da Silva¹

Resumo

O presente trabalho reflete sobre a oficina “Histórias do Rádio – Comunicação e Memória Social”, realizada em maio de 2013 dentro do projeto de extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI-BS), no Campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Ativando as lembranças dos idosos, constatou-se que muitos programas daquela época funcionavam como multiplicadores de conhecimento, valores e conceitos, e também como parâmetro de condutas e hábitos de consumo. A oficina foi desenvolvida na perspectiva da educomunicação, que se trata de um campo de intervenção social nascido a partir da inter-relação comunicação e educação. O referencial teórico é constituído das obras de Bosi (2007), Le Goff (2003) e Citelli (2006; 2011).

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Memória. Rádio. Terceira Idade.

Contexto e antecedentes da pesquisa

“(...) El olvido está lleno de memoria”.

Mario Benedetti

O projeto de extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) iniciou suas atividades em 2006 no campus Baixada Santista da UNIFESP. A iniciativa, que atende 42 estudantes na Unidade Silva Jardim e 47 no Cecon da Zona Noroeste, se propõe a desenvolver um modelo de universidade para pessoas acima de 60 anos de ambos os sexos em simetria com uma perspectiva crítica de saúde, educação e sociedade.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: michelfacos@hotmail.com.

O projeto considera que os idosos têm plenas condições de continuar aprendendo, produzindo e transmitindo saberes, por isso, é tão importante aproximá-los dos jovens estudantes da graduação e da realidade acadêmica.

As aulas buscam trazer temáticas, implicadas numa metodologia, que primeiramente despertem o interesse dos estudantes de modo a envolvê-los, que facilitem sua compreensão do mundo e favoreçam a criação e fortalecimento de vínculos.

Na região metropolitana da Baixada Santista, a proporção da população idosa está em cerca de 10,8%, já no município de Santos, a proporção de idosos mostra-se diferente do padrão nacional, perfazendo cerca 15% da população total, que já é substancialmente superior à média das demais cidades do Estado de São Paulo (6%). (IBGE, 2000; GONÇALVES, 2006; MENDES, 2004, Manual de saúde do Idoso, 2007).

Dessa maneira, Santos, que abriga o projeto UATI, é um lócus privilegiado para o desenvolvimento de atividades de extensão voltadas à terceira idade e para a investigação científica desse estrato social. O município tem aproximadamente o dobro da porcentagem nacional de idosos em sua população, o que indica um lugar receptivo a esta faixa etária e a iniciativas voltadas a ela.



Memória e idosos

A memória é objeto de investigação de diferentes áreas do conhecimento, sendo que o conceito varia de acordo com a natureza do fenômeno e do enfoque da pesquisa. De forma geral, Le Goff (2003) entende que a memória, como propriedade de conservar determinadas

informações, remete-nos primeiramente a um conjunto de funções psíquicas, responsáveis pela atualização de impressões passadas ou que o homem representa como passadas.

De acordo com Ecléia Bosi, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Já Halbwachs (2006) destaca que pela memória o passado vem à tona, misturando-se com as percepções imediatas, deslocando-as, ocupando todo o espaço da consciência. Segundo o autor, para se ter uma memória coletiva é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como detentor daquela memória.

Ecléia lembra que a velhice é tanto um destino biológico quanto uma categoria social, tendo em cada sociedade um estatuto contingente. Ela afirma que as pessoas mais velhas têm a função social de lembrar; a memória delas não é somente sua, mas pertence a uma coletividade. A autora ainda lembra que a evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos", contribui para uma história que não só é mais rica, vivaz e comovente, mas também mais verdadeira.

Debert (2004) ressalta que o velho é depositário de uma experiência e de um saber único e exclusivo dado pelo tempo vivido. Para a antropóloga, a memória é um bem valioso que, assim como a história, deve ser transmitida à juventude. Dessa forma, cada idoso, sendo portador dessa memória, deve ter sua respeitabilidade recuperada e garantida diante pelos mais jovens.

As memórias dos idosos servem de marcas referenciais para a compreensão do processo histórico-cultural. Os relatos de experiências e vivências que marcam momentos decisivos da população idosa registram sonhos, medos, frustrações, escolhas e valores, que entrelaçam três dimensões: o real, o simbólico e o imaginário.

É comum observar idosos que não recordam de passagens cotidianas, mas lembram com exatidão de situações ocorridas há muitos anos. Para Novaes (2007), isso ocorre porque a memória se desloca com mais facilidade para evocações passadas devido ao seu significado especial, ficando o registro do dia a dia dificultado pelo desgaste cognitivo, comum da idade, e, sobretudo, pelo pouco valor que lhe é atribuído.

O exercício da memória aciona dois movimentos: a busca de uma realidade esquecida no tempo e a idealização dessa realidade, transformada e recriada constantemente. Essa tentativa de resgatar lembranças e reminiscências ajuda a evitar que a imaginação dos idosos

se torne improdutivo, num processo de autoavaliação que pressupõe um verdadeiro mergulho interior.

Comprovou-se que, levar o idoso a olhar seu percurso de vida desde o passado, trilhado o presente até chegar ao futuro, poderá ajudá-lo a perceber melhor o que já conquistou e o que o motiva na vida (NOVAES, 2007, p.106)

A memória tanto favorece o conhecimento do passado na organização ordenada do tempo, localizando os eventos numa sucessão cronológica quanto contribui para a identidade pessoal e social dos mais velhos. Ao acionar suas lembranças, o idoso acaba reunindo fragmentos que serão conservados na memória, vinculando começos e fins no tempo e no espaço.

A memória social possui caráter dialógico e, por isso, não representa somente o passado. Ela está ligada ao presente ao relacionar valores, preceitos e crenças. Segundo Novaes, a memória, por sua natureza dinâmica, é um processo conflitual e está inserida num movimento de constantes mudanças, sendo uma construção do presente, através do resgate do passado e se inserindo no campo das possibilidades do futuro.

Como nos lembra Citelli (2006), diferentemente de outras mídias como a televisão ou o cinema, o imaginário da recepção radiofônica é despertado na medida em que são estabelecidos nexos entre falar e ouvir, provocando inquietações e permitindo aos destinatários constituir redes de imagens facultadas pelas sequências das palavras. Assim, priorizando esse aspecto único da linguagem verbal, optou-se pelo rádio para realizar esse trabalho de recuperação da memória social.

O Rádio – breve percurso histórico

Na década de 20, a radiodifusão começa no Brasil com a instalação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize. O rádio nascia como meio de elite, dirigindo-se a quem tivesse condições financeiras para importar aparelhos, que eram muito caros na época.

A partir da década de 30, a publicidade chega ao rádio regulamentada por decreto presidencial. A introdução de comerciais transfigura imediatamente a radiodifusão, sendo que as emissoras passam a se organizar como empresas e a disputar mercados. A preocupação

educativa e cultural, propugnada por Roquette Pinto, é relegada, os interesses mercantis se impõem à programação das rádios.

Como símbolo dessa nova cultura de massa, o rádio abandona seu propósito inicial e começa a se popularizar pelo território brasileiro, transformando-se em um algo popular, voltado principalmente ao entretenimento. O meio de comunicação começa a ocupar a sala de jantar das famílias. A audiência era predominantemente coletiva e familiar, o que favorecia a interação social. Na realidade, o rádio representou um importante instrumento formador de opinião e uma referência para comportamentos e modos de consumo.

Com o tempo, o rádio consolidou-se como veículo publicitário, de forte penetração popular e de integração nacional. Ademais, muitos programas – noticiários, novelas, humorísticos ou musicais – apresentavam um efeito multiplicador, que extrapolava o universo dos ouvintes, servindo para encurtar distâncias e alargar o espaço doméstico.

A Educomunicação

A centralidade da comunicação na vida das pessoas vem transformando vários setores da sociedade, particularmente a educação. Educar já não é mais exclusividade de pais e professores. Com o avanço da midiatização, a informação circula rapidamente e o conhecimento é construído de forma horizontal. Ser mediador nessa nova conjuntura é uma das funções do educador.

Na década de 80, o filósofo Mário Kaplun, baseado na pedagogia de Paulo Freire, cria o neologismo educomunicação para se referir a um novo campo de intervenção social. As discussões sobre esse emergente campo de produção do conhecimento foram ampliadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP.

Segundo Citelli (2011), a educomunicação não indica apenas a existência de uma nova área que trabalha na interface comunicação e educação, mas também sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel de centralidade da comunicação. Para o autor, a educomunicação busca compreender a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo.

Diante da amplitude da educomunicação, o campo se divide em quatro áreas: educação para comunicação; mediação tecnológica na educação; gestão da comunicação no espaço educativo e reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação. As

divisões não são excludentes nem únicas, mas, na realidade, apenas representam um esforço de sistematização.

Na realidade, como cada vez mais a mídia faz parte do universo das pessoas, a educomunicação atende a uma demanda da sociedade contemporânea, suprimindo a lacuna entre o saber formal e o midiático.

O registro das lembranças dos idosos em relação ao rádio foi desenvolvido na perspectiva educacional a fim de criar um espaço horizontalizado de troca de saberes em que os estudantes da UATI/BS se sentissem protagonistas do processo, num gesto de contraponto ao modelo propedêutico tão comum às atividades pedagógicas do ensino formal.

Discussão

Na oficina *Histórias do Rádio – Comunicação e Memória Social* se propõe um exercício de memória para os idosos da UATI, em que eles recordam os programas de rádio (radionovelas, radiojornalismo, musicais, humor e esporte) que marcaram suas vidas e de suas famílias, além de rememorarem a forma como escutavam esse meio de comunicação.

O exercício de recordar envolve o processo de assimilação dos fatos, que exige atribuir significado aos eventos, registrando os detalhes que mais interessam, além de acionar novas formas de construção simbólicas e de aglutinação de situações e personagens. No caso de lembranças oriundas do rádio, apesar de o potencial comunicativo do aparelho está vinculado à audição, é interesse observar que as memórias não estão centradas apenas na escuta, mas também nos contextos sociais em que ocorriam as audiências.

O objetivo da oficina é recuperar e fazer o registro de situações relacionadas ao hábito de escutar o rádio. Por meio dessa memória, como acentua Halbwachs, o passado vem à tona, misturando-se com as percepções imediatas, deslocando-as, ocupando todo o espaço da consciência. Ao ativar a memória afetiva do grupo, discutiu-se o papel de centralidade que o rádio assumia em seus lares no passado e como isso foi se transformando ao longo dos anos.

Nessa discussão, muitos estudantes da UATI/BS demonstraram um sentimento de saudosismo, que remetia a um tempo em que as pessoas se reuniam para fazer uma determinada atividade juntas, o que é tão difícil hoje num mundo cada vez mais midiático e reificado pelo fetiche da velocidade.

A fim de efetuar um registro histórico, cada participante teve seu depoimento gravado utilizando uma filmadora. Para auxiliar nessa etapa, um roteiro de perguntas foi utilizado para

despertar as memórias dos idosos. As questões tratavam basicamente de situações relacionadas ao hábito de escuta do rádio e como os idosos interagiam no passado com essa cultura radiofônica.

Em linhas gerais, o roteiro foi assim esquematizado:

- Com quantos anos se lembra de ter começado a ouvir rádio?
- O que o levou a ouvir o primeiro programa de rádio?
- Qual foi o programa e quem escolheu?
- Em que lugar escutou esse programa? Em casa, no trabalho ou na casa de vizinhos?
- Qual a marca do rádio que tinha na sua casa?
- O veículo foi muito presente durante a infância?
- Qual a frequência com que ouve rádio hoje em dia?
- Ouvia muitas radionovelas?
- E programas de auditório?
- Lembra-se de algum momento marcante na sua vida por causa do rádio?
- Quais as vozes que marcaram seu cotidiano?
- Quais programas jornalísticos preferia no rádio?
- Costuma ou costumava ouvir a *Voz do Brasil*?
- Gostava de escutar música no rádio? Que gêneros musicais?
- Em sua casa, em que cômodo ficava o aparelho de rádio? E hoje?
- Com a chegada da televisão, o rádio perdeu lugar na casa?
- Quais eram os horários e os locais de escuta? E atualmente?
- Quais foram os programas prediletos? E atualmente?
- Hoje ouve mais AM ou FM?
- Havia algum tipo de censura familiar e/ou social na escuta radiofônica?
- Atualmente, quantos aparelhos de rádio tem?
- Comprava os produtos que eram anunciados no rádio?
- Lembra de alguma propaganda marcante?
- Participou de alguma promoção do rádio?
- Comente sobre a representação criada pelo rádio.

É importante frisar que as questões acima não tinham o objetivo de direcionar os depoimentos dos idosos, o que poderia comprometer a espontaneidade das narrativas. Todas as falas foram gravadas numa única tentativa, sem a preocupação de eventuais interrupções ou mesmo de pausas.

No processo de construção de sentidos de uma escuta radiofônica, se percebe como alguns detalhes são relevantes a ponto de permanecerem nas lembranças dos idosos, como se verifica em alguns relatos:

Meu contato com o rádio na infância foi assim muito pouco. Eu era criança quando o rádio entrou na minha casa. Só me lembro que eu não alcançava. Lembro também das músicas que minha mãe gostava. Francisco Alves e Vicente Celestino eram os cantores prediletos da minha mãe, aquele som, aquela voz, eu me lembro (Aparecida, 77 anos).

Eu gosto muito do rádio. Quando eu vou dormir, tenho um ‘radinho’ na minha cabeceira, eu já ligo o rádio, quando vou dormir, quando acordo e abro o olho, eu já ponho o dedinho lá e ele já começa a falar, contanto as novidades, as notícias, às vezes, música né? Então, estou sempre ouvindo rádio. Não tendo TV ligada, é o rádio que ponho para funcionar [...] Aos domingos, nos reunimos na casa de uma tia que tinha um bom rádio e então todos os domingos faziam uma aposta. Na Rádio Nacional do Rio, tinha a hora do pato: ‘quantos vezes o pato vai gongar?’. Eu era criança, não participava, mas os adultos faziam apostas, depois arrematavam [...] (Janete, 75 anos).

O que mais me marcou da época do rádio foi em 1958 durante a Copa do Mundo [...] Tinha uma loja que era uma casa muito famosa – Afonso Moreira – aí então eles colocavam aqueles alto falantes na rua para transmissão e parava o Gonzaga (bairro), parava para ouvir a Copa (Luiz Gonzaga, 68 anos).

Eu comecei a entender o que era rádio – aquele aparelho que falava até parecia que tinha gente dentro dele falando – eu tinha seis anos de idade. O

que ficou marcado assim na minha vida foi que meu pai era muito ligado ao rádio e o programa preferido dele era a Voz do Brasil, tanto é que nesse horário ninguém podia fazer nada, toda a atenção estava voltada ao rádio (Everaldo, 65 anos).

Me lembro que o meu primeiro contato com o rádio foi quando eu tinha mais ou menos cinco anos e a minha irmã uns três anos. A madrinha da minha irmã tinha uma casa muito grande, ela era costureira. Ela ficava ali na máquina de costura, no quartinho no fundo, e nós ficávamos todas as tardes com ela. Ela ouvia novela todas as tardes. Ficávamos as três prestando atenção, imaginando que a mocinha morava num castelo e toda aquela imaginação boa da infância (Selma, 63 anos).

Algo que me marcou muito foi o narrador Ernane Franco. Quando ele narrava os jogos do Santos. Toda vez que um jogador do Santos caía na área, ele dizia que era pênalti. E uma das coisas que me faz lembrar muito da minha mãe que era torcedora do Santos (José Carlos, 63 anos).

Eu adoro o rádio até hoje. De menina, o que eu escutava era o programa do Silvio Santos [...] Eu aprendi muito escutando o rádio. Eles falavam assuntos diversos, que agora tem muito no rádio, antigamente tinha pouco [...] Eu era muito ‘bobinha’, meus pais trabalhavam fora e eu ficava praticamente sozinha e o rádio era minha companhia (Cecília, 67 anos).

Os depoimentos nos revelam informações sobre o cotidiano da escuta midiática pelo rádio, as programações, as emissoras favoritas, as vozes marcantes, além de apontar pistas a respeito da influência radiofônica na formação da identidade cultural e social da população idosa.

Para uma análise mais criteriosa, seria preciso relacionar eventos do passado e situações construídas pela imaginação do idoso. A construção social, feita a partir da inventividade do lembrador, confere novos contornos à história e se torna tão importante para

a investigação quanto os eventos vividos realmente. Nesse sentido, lembrar e imaginar são exercícios cognitivos mais próximos do que se imagina.

Vale acrescentar que o processo de transcrição dos relatos ainda está em andamento (setembro/2013). Os fragmentos listados neste trabalho foram selecionados a fim de ilustrar a dinâmica e a metodologia da pesquisa.

Algumas Considerações

A memória radiofônica da população idosa ganha importância à medida que se atribui significação. Ao reter determinados fatos por um longo tempo e recuperá-los no momento da atividade, os velhos exercitam sua capacidade de leitura de mundo. Entender as formas como se dão as apropriações, usos e negativas com relação à programação radiofônica, por parte dos ouvintes, leva-nos a relacionar os processos entre a escuta no passado e atualmente e os sentidos elaborados pelos ouvintes.

O instrumento socializador da memória é a linguagem. Ela, como tradução verbal da cultura, dá concretude às imagens de um tempo vivido em consonância com as reinterpretações dos fatos elaboradas pelas narrativas dos lembradores. Ao acionar suas memórias, o idoso também mobiliza a memória de sua própria sociedade.

Pelos relatos, observamos que os produtos radiofônicos permitem aos ouvintes a construção de personagens no imaginário social, a partir das vozes de atores, cantores, locutores e apresentadores. As narrativas dos idosos nos mostram também que, mesmo com o surgimento de novas tecnologias de comunicação, o rádio ainda permanece como um companheiro de todas as horas para alguns desses idosos, demonstrando o caráter afetivo do veículo.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CITELLI, Adilson; COSTA, M. C. Cristina. **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, A. Odair. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

DEBERT, G. Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Centauro: São Paulo, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MENDES, C.P. **Santos se torna a Terra da Melhor Idade**. Perspectiva. Edição 131, Maio de 2004.

NOVAES, Maria Helena. Artimanhas e segredos da memória. In: NEGREIROS, Teresa C. G. Monteiro (org.). **A nova velhice: uma visão multidisciplinar**. 2ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.